



Pessoa, existência e fenomenologia: notas sobre as concepções do personalismo de Emmanuel Mounier

*Person, existence and phenomenology:
remarks on the conceptions of personalism
of Emmanuel Mounier*

Adão José Peixoto

Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP), Doutor em Educação (USP), professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO - Brasil, e-mail: peixoutoufg@hotmail.com

Resumo

O propósito deste artigo é discutir o personalismo de Emmanuel Mounier, especialmente suas concepções sobre pessoa e existência e sua relação com a fenomenologia. Mounier não escreveu sobre a fenomenologia e nem afirmou a vinculação de seu pensamento a essa perspectiva filosófica. Entretanto, é possível perceber que sua filosofia foi fortemente influenciada pelas ideias fenomenológicas. O personalismo é uma filosofia que afirma o valor da pessoa enquanto valor absoluto. O absoluto aqui é entendido

enquanto fim que dá sentido a toda organização política e social. A existência humana é o ponto de partida e o postulado fundamental do personalismo. Isto significa que há, nessa perspectiva, uma prioridade da existência sobre a natureza humana, entendendo-se esta como um dado “ontológico definitivo”. Esta postura é uma exigência de reformulação epistemológica, que significa, no interior do personalismo, a tentativa de elaboração de uma fenomenologia da existência, situada entre o objetivismo radical da ciência e o subjetivismo da metafísica.

Palavras-chave: Personalismo. Pessoa. Existência. Fenomenologia.

Abstract

This article aims to discuss the personalism of Emmanuel Mounier, especially his views on the person and existence, and its relation to phenomenology. Mounier does not refer to the influence of phenomenology on his thoughts. However, it is possible to notice that his philosophy was strongly influenced by phenomenological ideas. Personalism is a philosophy that says a person's value as an absolute. The absolute here is understood as a purpose that gives meaning to all the political and social organization. Human existence is the starting point and fundamental postulate of personalism. This means that there is, therefore, a priority of the existence about the human nature, understanding this as an information “ontological definitive”. This position is a requirement of epistemological reformulation, which means, within personalism, the attempt to develop a phenomenology of existence, located between the radical objectivism of the science and subjectivism of metaphysics.

Keywords: Personalism. Person. Existence. Phenomenology.

Introdução

O pensamento personalista de Emmanuel Mounier é um dos pensamentos contemporâneos mais instigantes. Nas décadas de 1950 e 1960 exerceu grande influência no pensamento e na ação de grande parte da intelectualidade mundial, e exerce ainda hoje em muitos ciclos acadêmicos. O núcleo básico do pensamento personalista é constituído pelas noções de pessoa e existência.

Essa perspectiva filosófica foi desenvolvida no contexto do desenvolvimento de outra perspectiva filosófica que exerceu, e exerce, enorme influência no pensamento acadêmico: a fenomenologia. A questão que propomos analisar aqui é: há influência da fenomenologia no personalismo de Emmanuel Mounier? Se há, como se manifesta essa influência? Para isso, iniciaremos pela apresentação do personalismo e suas concepções sobre pessoa e existência. Em seguida, discutiremos a influência da fenomenologia no pensamento personalista.

O personalismo

A Europa e várias outras partes do mundo foram vítimas, a partir de 1929, de uma profunda crise política, moral e social provocada, inicialmente, por outra crise, a econômica, em consequência da queda da bolsa de Nova Iorque e, posteriormente, pela ascensão do nazismo, do fascismo e pela Segunda Guerra Mundial. Neste contexto, o que predominava era o pessimismo, a banalização da vida, a negação da pessoa e a falta de perspectivas.

Segundo Chaigne, o marxismo e o espiritualismo se apresentavam como a salvação dessa crise. Os *marxistas* afirmavam que essa crise era uma decorrência da crise econômica; era uma “crise de estrutura”, crise de enfraquecimento do modo de produção capitalista. A saída seria mudar as estruturas econômicas, abolir a propriedade privada e instituir o comunismo. Portanto, “operem a economia, o doente se recuperará”. Para os espiritualistas, a crise é uma “crise de valores”, é uma crise não da economia, mas do homem. “Mudem os homens, e as sociedades se curam” (CHAIGNE, 1969, p. 59).

Mounier se coloca contra essas duas saídas por entender que elas são parciais, reducionistas, não apreendem a complexidade da crise. Esta não é uma consequência só da crise econômica, como diziam os marxistas, ou só da crise de valores, como diziam os espiritualistas, mas de ambas. Neste sentido, a saída deve ser ao mesmo tempo uma mudança das estruturas econômicas e dos valores sociais e morais. Escreve Mounier (III, 1990, p. 199):

nós não estávamos satisfeitos com nenhum deles. Nos parecia que espiritualistas e marxistas participavam do mesmo erro. Erro que consistia em separar o corpo e a alma, o pensamento e a ação, o *homo faber* e o *homo sapiens*. Nós afirmávamos, por outro lado: a crise era ao mesmo tempo econômica e espiritual, crise de estruturas, crise do homem. Não retomávamos somente a palavra de Péguy: a revolução será moral ou não será revolução.

Afirmávamos: a revolução moral será econômica, ou não será revolução. A revolução econômica será moral ou não será nada.

Como forma de superar a dicotomia estabelecida pelo marxismo e o espiritualismo, Mounier lança, em 1932, na França, o *movimento personalista*, tendo como principal veículo de divulgação de suas ideias, a revista *Esprit*.

Pessoa

O *personalismo* é uma filosofia que afirma o valor da *pessoa* enquanto valor absoluto. O *absoluto* aqui é entendido enquanto fim que dá sentido a toda organização política e social. Quando Mounier se refere à pessoa como absoluto, isto quer dizer, segundo o próprio autor:

1º - que uma pessoa não pode jamais ser considerada como meio por uma coletividade ou por outra pessoa; que não existe espírito impessoal, acontecimento impessoal, valor ou destino impessoal; o impessoal é a matéria; 2º - que, em conseqüência, excluídas as circunstâncias excepcionais em que o mal não pode ser detido se não à força, é condenável qualquer regime que, de direito ou de fato, considere as pessoas como objetos intercambiáveis, as dirija ou as constranja contra a vocação do homem [...]; 3º - que a sociedade, isto é, o regime legal, jurídico, social e econômico não tem por missão nem subordinar a si pessoas, nem assumir a realização de sua vocação [...] 4º - É a pessoa que faz seu destino: outra pessoa, nem homem, nem coletividade pode substituí-la (MOUNIER, I, 1992, p. 209-210).

Partindo destas considerações, podemos dizer que o intuito do personalismo é a compreensão da pessoa enquanto totalidade e enquanto centro de todas as ações. O nosso dia a dia histórico deve se constituir numa afirmação radical do caráter inalienável, insubstituível e, portanto, absoluto da pessoa. Ao afirmar o valor absoluto da pessoa, Mounier não está propondo a edição de um novo individualismo, pois o que ele mais combateu foi justamente o individualismo da civilização burguesa.

Para o personalismo, tomar o ser humano como pessoa é apreendê-lo como ser que se constrói historicamente, como ser *situado*, ser de comunicação, de adesão, de transformação. Isso mostra que o personalismo, ao apostar no ser humano, está também apostando na comunidade,

já que a pessoa é comunicação essencial, é sair de si, é compreender, assumir o seu próprio destino e o destino das outras pessoas. A responsabilidade e a fidelidade são os eixos que estruturam a idéia da comunidade como *persona de personas* (MOSQUERA, 1990, p. 33).

Ao mesmo tempo em que afirmou o valor absoluto da pessoa, Mounier anunciou também a importância da vida comunitária. O homem, segundo Mounier, só se torna pessoa e se realiza enquanto tal em comunidade. É neste sentido que, na perspectiva personalista, o social e o político são expressões do pessoal. É por isto que Mounier clama em favor de uma revolução, ao mesmo tempo, personalista e comunitária. Quer, assim, uma revalorização da vida das pessoas e da vivência comunitária. Para garantir essa reestruturação, é necessária uma profunda transformação política e social, de modo que todas as instituições sejam estruturadas em função da promoção da pessoa.

O termo *personalismo* não é novo. Ele foi, inicialmente, empregado por Renouvier (MOUNIER, 1964) em 1903, para nomear o seu pensamento. Mas foi com Mounier que ganhou radicalidade e dimensão de uma filosofia. Para Mounier, este termo “responde ao desabrochar da força totalitária, nasceu dela, contra ela; acentua a defesa da pessoa contra a opressão das estruturas”. Entende Mounier (III, 1990, p. 181) que, sob este ângulo, o personalismo corre o risco de reacender velhas manifestações individualistas. Para evitar isto é que ele teve a preocupação de associar a dimensão pessoal à dimensão comunitária.

Ao lançar as diretrizes básicas da filosofia personalista, Mounier coloca a pessoa como núcleo central de suas preocupações. A pessoa passa a ser o centro orientador da reflexão e da ação do movimento personalista.

Com essa orientação, é possível apreender aí uma antropologia filosófica que procura compreender o homem enquanto pessoa. Entretanto, essa dimensão antropológica não visa apenas a uma teorização do universo pessoal. A elaboração teórica tem a finalidade de afirmar o caráter absoluto da pessoa. Por entender que a pessoa “não é um objeto” e que é, ao mesmo tempo, “autoconhecimento e autorrealização”, Mounier não assume a intenção de defini-la de forma rigorosa e fechada. Para ele, só podemos conhecer a pessoa vivendo a experiência pessoal.

Em *Revolución personalista y comunitária* (I, 1992), Mounier apresenta a seguinte questão: o que é a pessoa? Ao responder esta questão, ele começa dizendo o que não é a pessoa: não é indivíduo, pois este é *egocêntrico*, *avaro* e *singular*; não é consciência que alguém tem de si mesmo, já que cada

homem cria várias representações de si. A pessoa é um absoluto. Isto significa que a pessoa vale por si mesma. Ela é dotada de dignidade intrínseca (a dignidade humana). A pessoa nunca poderá ser um *meio*, terá que ser sempre um *fim*. A pessoa, na visão personalista, é um ser integral, ser dotado de corpo e alma, desejos, liberdade, responsabilidade, transcendência. Enquanto tal, é capaz de conhecer, de decidir, de responsabilizar-se. Entretanto, estas capacidades não são dadas, são construídas nas relações que o homem mantém consigo, com os outros, com Deus, com o meio natural e social.

Existência

A existência humana é o ponto de partida e o postulado fundamental do personalismo. Isto significa que há nessa perspectiva uma prioridade da existência sobre a natureza humana, entendendo-se esta como um dado “ontológico definitivo”. Assim, o existir é mais denso do que desenvolver uma determinada essencialidade; é submeter-se à contingência, à facticidade, à interação com o outro e com o mundo, num esforço contínuo de personalização (SEVERINO, 1983, p. XIV).

Neste sentido, existência pessoal é uma existência dialética, não se reduz a um esquema rígido e fixo de ser, não é um desenvolvimento mecânico de potencialidades predeterminadas, mas uma relação contínua de conflitos entre a exteriorização e a interiorização.

Quando o personalismo parte da existência pessoal, não está levantando uma oposição à essência, a uma possível essência humana, pessoal. A essencialidade da pessoa, na perspectiva personalista, desenvolve-se por meio do projetar-se fora de si em face do real num retorno para si. Assim, podemos dizer que o homem é um ser natural e transcendente: “só ele é capaz de conhecer, de transformar, de amar, de ser livre, de usar do determinismo natural como instrumento de superação. Só ele é capaz de ação construtiva” (SEVERINO, 1983, p. XIV).

Para que a vida ganhe plenitude, é também preciso agir, pois é na ação que se constrói a trama da existência. O agir tem sempre uma *intencionalidade* e esta deve orientar-se para a transformação da realidade interior (autoconstruir) e da realidade exterior (construir), para a afirmação de novos valores que fundamentem a construção de uma comunidade de pessoas.

O personalismo não fica preso a uma concepção meramente existencial nem a uma concepção essencialista. A existência e a essência fazem parte

de uma mesma totalidade: o homem. Este é um ser imanente e transcendente. A nossa existência é uma expressão destas duas dimensões.

Personalismo e fenomenologia

Mounier elaborou um pensamento original. Rompeu com a filosofia tradicional ao apontar para a necessidade de se olhar para a pessoa com um novo olhar, vê-la, não como uma coisa que pode ser dissecada ou explorada, mas como uma existência humana, complexa, não objetável, portadora de dignidade, que precisa ser respeitada. Sobre esta questão, afirma Severino (1983, p. 30):

Desde o primeiro contato com este pensamento, uma única verdade sobressai e se impõe: ele está todo centralizado na existência do homem, sendo essencialmente uma antropologia. Mas não é só por este fato, já de per si muito significativo e de grande relevância, que faz o personalismo original e dificilmente sistematizável. É antes a perspectiva sob a qual o homem é encarado e tematizado que levanta uma dúvida a respeito da possibilidade mesma de uma análise estruturalizante deste modo de sentir e pensar.

O homem não é uma realidade objetiva, com definições precisas que podem ser facilmente apreendidas, “sobretudo sendo o homem um ser que é também aquilo que ele próprio se faz, uma noção fixista e estética da natureza humana negligencia os mais ricos elementos construtivos da pessoa” (SEVERINO, 1983, p. 32). Por isso, Mounier (III, 1990, p. 216) prefere falar de condição humana em vez de natureza humana, pois considera que esta conceituação se transformou numa definição rígida. Severino, expressando essa avaliação de Mounier, afirma que a noção de natureza humana reduz o conhecimento do próprio homem: “Esta noção tornou-se uma definição. É bem verdade que, como resultado de um conhecimento, ela explica o homem, mas o faz à custa de uma desintegração e esmiuçamento que o diminui em seu ser” (SEVERINO, 1983, p. 32).

A crítica de Mounier não é, segundo Severino, contra o “fundamento ontológico da natureza humana”, pois ele acredita neste fundamento. O que ele critica é o sentido rigoroso que a noção de natureza humana assumiu a partir das abordagens racionalistas e positivistas. Por causa disto, ele considera que a noção de *condição humana* seja mais apropriada para designar a pessoa, esta *permanência aberta* (Mounier).

Mounier avalia que sendo a pessoa a própria presença do homem, sua última característica, não é susceptível de definição cientificista. A pessoa é apreendida por meio de uma *experiência global*, pois ela não se revela a partir de uma experiência imediata e puramente material, mas a partir de uma experiência progressiva de vida pessoal, complexa e misteriosa.

Com a noção de condição humana, Mounier acredita que é possível apreender a pessoa na sua totalidade, enquanto mobilidade e permanência, unidade virtual no tempo e no espaço, determinação e finalidade: “O absoluto humano é a totalidade da história do homem” (III, 1990, p. 217). Essa visão ampliada da condição humana rompe com as concepções que veem a imagem do homem como uma “imagem eterna”, absolutizando-a. Para Severino (1983, p. 34), “crises e desastres surgiram por causa desta confusão, por não ter visto que o relativo ainda impregna toda imagem humana, por mais perfeita que seja”.

Quando Mounier recusa a noção de natureza humana, que tem sido utilizada pela filosofia de inspiração iluminista, não está recusando “toda essência e toda estrutura” ao homem, como muitas vezes procedeu o existencialismo. Para Mounier (III, 1990, p. 482), “se cada homem só é o que ele próprio se faz, não há nem humanidade nem história”.

Mounier está preocupado em mostrar que uma visão apenas intelectual não consegue apreender a complexidade da existência pessoal. Esta só é apreendida na sua totalidade a partir da própria vivência. Eis por que a primeira iniciativa da filosofia não é, segundo Mounier (III, 1990, p. 95), bem conhecimento, mas antes um apelo.

O personalismo, segundo Severino (1983, p. 36), entende que uma simples definição teórica não consegue apreender a complexidade das riquezas inerentes à “presença ontológica da pessoa”. A apreensão dessa condição, ao mesmo tempo ontológica e histórica, não pode ser feita apenas por intermédio de uma abordagem intelectual. “Entra em jogo a experiência existencial do homem todo. O homem se conhece vivendo”.

Conhecer, na perspectiva personalista, não é apenas a busca da sistematização de uma verdade impessoal e indiferente à pessoa, mas uma verdade comprometida “que responda a suas aspirações, preencha suas expectativas, resolva seus problemas”, (MOUNIER, III, 1990, p. 95).

Nesta perspectiva, a pessoa não pode ser vista como uma “cera” sobre a qual imprimimos ideias e convicções. A pessoa é um movimento dialético de aceitação e de recusa, de silêncio e de manifestação.

A tarefa do filosofar é mostrar a necessidade da experiência global para que a existência humana possa ser apreendida na sua totalidade. À medida

que percebemos o homem enquanto “permanência aberta”, isto é, enquanto pessoa, passaremos a olhá-lo não como coisa, mas como ser humano. É isso que Mounier deseja: que o conhecimento não seja apenas resultado de uma racionalidade objetivante, mas que seja fundamentalmente uma expressão do humano, do vivido, das emoções, enfim, da vida.

Com isto, Mounier conseguiu empreender uma “viragem do espírito filosófico”, transformando-o igualmente numa experiência existencial. Desta forma, a função da filosofia passa a ser também a de evidenciar a condição existencial do homem, “condição até certo ponto misteriosa, que suscita antes um esforço de compreensão do que de explicação (SEVERINO, 1983, p. XIII).

O personalismo é uma filosofia que afirma o caráter singular da existência, é uma reação contra as filosofias das ideias e das coisas que desconhecem o homem e, por isso, o tratam como um simples objeto que pode ser decomposto. Ao se referir a esta questão, Severino (1983, p. XIII) afirma que “a filosofia da existência não visa a centralizar-se na existência como tal: mas tem uma sensibilidade própria para um existente, o existente humano”.

Em face dessa afirmação da existência como postulado fundamental, o personalismo combate a atitude racionalista da filosofia que desconsidera o mundo vivido. Entretanto, isto não significa uma prioridade da existência sobre a consciência, mas o reconhecimento de que ambas são constituintes do existir humano. A filosofia personalista transformou a razão num instrumento de revelação de toda realidade, inclusive da existência pessoal: “é isto que contestam Existencialismo e Personalismo. É o conhecimento, na sua significação clássica, que não é mais aceito. Porque o homem precisa existir antes de e para conhecer” (SEVERINO, 1983, p. 94).

Para Mounier (III, 1990, p. 93), a filosofia racionalista esqueceu que “o espírito que conhece é um espírito existente”, não é uma realidade impessoal, abstrata, mas uma pessoa, um “inesgotável concreto”, como afirma Gabriel Marcel (SEVERINO, 1983, p. 94).

Ao recusar a perspectiva metodológica racionalista, positivista e impessoal da filosofia iluminista, apontando para uma postura mais aberta, mais acolhedora, não vemos no personalismo, como afirma Hervé Chaigne (1969, p. 62),

uma filosofia como as outras, isto é, um simples saber racional ou ainda, um esforço para a “síntese intelectual total” do mundo e dos homens, mas essencialmente uma prática da pessoa no mundo da natureza e dos homens, se bem que a melhor definição para esta filosofia seja a do personalismo realizado, praticado, no seio de uma civilização.

Para o personalismo, a pessoa não é apreensível por um instrumento puramente racional como acontece com os demais objetos do conhecimento científico ou filosófico. Segundo Mounier, a sistematização lógico-conceitual elaborada pela Ciência ou pela Filosofia esvazia a presença real da pessoa. O sistema aparece então como um terceiro elemento abstrato que se interpõe entre o filósofo existente e os demais existentes. O espírito conhecedor é um espírito existente e é tal, não em virtude de alguma lógica imanente, mas em virtude de uma decisão pessoal e criadora. Eis por que a primeira iniciativa da Filosofia não é bem um conhecimento, mas antes um apelo. A condição existencial específica da pessoa exige do filósofo um modo de contato que seja adequado a ela. Uma simples definição teórica não pode exprimir a complexidade das riquezas inerentes à presença ontológica da pessoa. A aproximação desta condição única de aspectos duplos, ontológicos e históricos, não pode ser feita apenas a partir de uma abordagem lógico-racional. Entra em jogo a experiência existencial do homem todo. O homem se conhece vivendo. Para se conhecer como ser pessoal, o homem não dispõe de critérios de referência imparciais ou como que descompromissados com sua própria existência. Esta postura é uma exigência de reformulação da epistemologia, que significa, no interior do personalismo, a tentativa de elaboração de uma fenomenologia da existência, situada entre o objetivismo radical da ciência e o subjetivismo da metafísica.

Do ponto de vista epistemológico, esse projeto personalista de uma nova e mais rica compreensão do ser da pessoa, que não seja aquela estruturação objetivante da Psicologia e das demais ciências humanas ou aquela elucidação puramente lógica da metafísica essencialista, significa a delimitação de uma fenomenologia existencial. A fenomenologia, em geral, significa uma nova metodologia do conhecimento, no sentido de superar os impasses epistemológicos oriundos de uma concepção dualista que opõe ser e conhecer.

A busca da reformulação epistemológica por parte do personalismo é uma tentativa de elaboração de uma fenomenologia da existência, “situada entre o objetivismo radical da ciência e o subjetivismo da metafísica” (SEVERINO, 1983, p. 131). Para Mounier, o personalismo não pode fundar-se numa psicologia cientificista, centrada numa orientação analítica e objetivista. A primeira orientação transforma o espírito num instrumento manipulável, que se compõe e decompõe. A segunda impede o afloramento da subjetividade naquilo que ela tem de específico (SEVERINO, 1983, p. 131). Também não pode comprometer-se com a metafísica encerrada num subjetivismo fascinado pelos encantos “das ideias puras”. Afastando-se da história e da experiência concreta da vida pessoal, “a metafísica estratificou-se nos seus

próprios instrumentos lógicos, esquecendo-se da opacidade do ser, sobretudo do ser do homem” (SEVERINO, 1983, p. 131). A abordagem do ser pessoal exige mais do que o estabelecimento de relações objetivas e/ou lógicas. Do ponto de vista epistemológico,

este projeto personalista de uma nova e mais rica compreensão do ser da pessoa, que não seja aquela estruturação objetivante da psicologia e das demais ciências humanas, ou aquela elucidação puramente lógica da metafísica essencialista, significa a delimitação de uma fenomenologia existencial. (SEVERINO, 1983, p. 131).

A fenomenologia surgiu como uma tentativa de superação da dicotomia entre sujeito e objeto, entre o homem e o mundo, entre o subjetivo e o objetivo, introduzida pelo racionalismo, pelo empirismo e pelo positivismo.

O racionalismo afirma que o conhecimento verdadeiro é aquele que advém do sujeito. O empirismo advoga que o conhecimento válido é o que surge do objeto. Já o positivismo afirma que o conhecimento verdadeiro é o que é objetivo, neutro e empiricamente comprovado. Para a fenomenologia, essa dicotomização é equivocada. A experiência intencional nos mostra que esses dois polos são indissociáveis, formam uma unidade, já que para a fenomenologia toda consciência é consciência de algo. Isto afirma o caráter de “intencionalidade” da relação homem-mundo. O mundo aqui não é entendido como o somatório das “coisas” existentes nem dos objetos produzidos pelo homem. O mundo, na perspectiva da fenomenologia,

apresenta um sentido que transparece na interseção das experiências tanto individuais como coletivas, e na inter-relação que se estabelece entre os diversos lugares desta mesma experiência. Isto, no entanto, não quer dizer que o mundo seja simplesmente o seu sentido. É este sentido encarnado na existência (REZENDE, 1990, p. 40).

O mundo de que fala a fenomenologia é o mundo humano, é o mundo da cultura, produto das relações homem-homem, homem-natureza. Não há uma razão meta-histórica que define a existência do mundo. Essa existência é determinada pela trama existencial dos homens. Existe uma relação eminentemente dialética entre o homem e o contexto natural e cultural. Para Rezende (1990, p. 35-36), na concepção fenomenológica,

o homem não é o mundo, o mundo não é o homem, mas um não se concebe sem o outro. É neste sentido fundamental que a dialética se faz presente no seio mesmo da estrutura fenomenal [...]; o que faz a função existencial das duas é a intencionalidade, isto é, a experiência fundamental de um ser aberto-ao-mundo.

Com isto, a fenomenologia provocou uma profunda revisão, tanto da concepção do sujeito (consciência) quanto do objeto (mundo). Consciência e subjetividade não são percebidas apenas como inteligência, espírito, liberdade, nem só corporeidade, determinismo, inconsciente, mas tudo numa constante relação dialético-existencial. Por sua vez, o mundo não é visto só como matéria, produto, instituição, condicionamento, mas mundo humano, marcado pela presença do homem “ao mundo e no-mundo” (REZENDE, 1990, p. 36).

Outra concepção que a fenomenologia tenta superar é a que reduz as explicações do homem, da sociedade, da educação, etc. apenas aos fatores econômicos. Merleau-Ponty, pensando em Marx (1971, p. 14), afirma que

é verdade, como disse Marx, que a história não caminha sobre a cabeça, mas é verdade igualmente que ela não pensa com os pés. Melhor dizendo, não temos que nos ocupar nem com sua cabeça nem com seus pés, mas com seu corpo.

Considerações finais

O personalismo procurou, ao mesmo tempo, superar o pensamento espiritualista e o pensamento materialista. Contrariamente aos espiritualistas que acreditam que a inserção do homem na história significa uma degradação do espírito, Mounier afirma que a história, a imersão do homem na natureza, é condição fundamental para que este se realize enquanto pessoa. Essa inserção não é, segundo Mounier (1964, p. 41), “o mal do homem: a encarnação não é uma queda”. Para Candide Moix (1968, p. 134-135), “a pessoa só pode se elevar firmando-se sobre a matéria. Não é questão de evadir-se dela, mas de transformá-la, pois quem quiser se fazer de anjo termina tornando-se animal”.

À afirmação dos materialistas de que a realidade espiritual não existe, Mounier (1964, p. 50) apresenta a concepção de um homem que não é só matéria, mas unidade indissolúvel entre corpo e espírito: “A relação dialética da matéria à consciência é tão irredutível como a existência, quer de uma, quer de outra”.

O homem, enquanto ser encarnado, é uma síntese dialética das posições espiritualistas e materialistas:

o homem não é um espírito caído no mundo, não está aqui preso ou exilado, como um túmulo provisório, tal como a ressonância platônica da consciência humana que ecoa através dos tempos [...]. Apesar de ser ocasião permanente de alienação e de ser o lugar do impessoal e do objetual [...], a matéria, o natural, no qual o homem se acha encarnado ou situado, constitui a base e a condição *sine qua non* de toda e qualquer elevação do homem: o homem apóia-se na natureza para elevar-se. (SEVERINO, 1983, p. 46-7).

Ao superar o idealismo espiritualista e a imanência materialista, o personalismo se apresenta como um *realismo integral* porque capta todo o problema humano numa totalidade. Com isso, Mounier não procura o caminho mais fácil, pelo contrário, opta pela realidade humana em toda a sua complexidade e dramaticidade. O homem, ao se relacionar com o mundo natural, procura transformá-lo segundo seus projetos, imprimindo-lhe sua marca e impondo-lhe a “soberania do universo pessoal”. Essa transformação da natureza pelo trabalho humano deve ter como objetivo a humanização: “é por isso que devemos negar a natureza como dado, para afirmar como obra, como obra pessoal, suporte de toda a personalização” (MOUNIER, 1964, p. 52).

Mounier desenvolveu uma rica reflexão sobre o sentido da existência pessoal. Sua preocupação foi a de afirmar o caráter absoluto da pessoa, entendendo este como referência de todas as ações humanas. Procurou apontar a humanização como tarefa primordial do homem. Para isto, foi fortemente influenciado pelo pensamento fenomenológico. Mesmo não tendo feito referências à fenomenologia, é possível perceber que Mounier encontrou nesta perspectiva filosófica as bases para desenvolver o pensamento personalista. Ele não se ocupou em discutir essa vinculação. Essa é uma tarefa que está posta como desafio para os pesquisadores do pensamento personalista de Emmanuel Mounier.

Referências

CHAIGNE, H. Que é o personalismo. In: DOMENACH, J-M. et al. (Org.). **Presença de Mounier**. Tradução de Maria Lúcia Moreira. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

MOIX, C. **O pensamento de Emmanuel Mounier**. Tradução de Frei Marcelo L. Simões. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

MOSQUERA, J. J. M. Atualidade pedagógica e relevância humana na obra de Emmanuel Mounier. **Revista Filosófica Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 31-39, 1990.

MOUNIER, E. **O personalismo**. Tradução de João Bérnard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1964.

MOUNIER, E. **Obras completas**. Traducción de Carlos Díaz et al. Salamanca, España: Sígueme, 1990. tomo III.

MOUNIER, E. **Obras completas**. Traducción de Juan Carlos Vila et al. Salamanca, España: Sígueme, 1992. tomo I.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

SEVERINO, A. J. **Pessoa e existência**: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1983.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica de educação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

Recebido: 20/07/2010

Received: 07/20/2010

Aprovado: 12/09/2010

Approved: 09/12/2010